

OS GUIAS TURÍSTICOS NO ENSINO DO ITALIANO INSTRUMENTAL

Olga Alejandra Mordente
Universidade de São Paulo

Resumo: Acredito que esta pesquisa contribua para uma imagem adequada, da realidade italiana aos olhos dos brasileiros, pois os guias turísticos da Península, através da linguagem e de aspectos étnicos nos permitem conhecer uma Itália mais autêntica, elementos que um curso para o ensino específico da língua italiana deveria apontar. Abordei do ensino instrumental do italiano através dos guias turísticos selecionados onde foram examinados diversos aspectos lingüísticos o qual envolve não somente a competência de leitura para se chegar aos diversos níveis de significação, mas também aos aspectos discursivos implícitos na linguagem.

Palavras chave: ensino instrumental- competência cultural- guias turísticos em italiano

Abstract: I believe that this research contributes to create an adequate, diverse and complex image of the italian reality in the eyes of brasilians. The italian touristic guides, through language and ethnic aspects, allows us to come to know a more authentic Italy, elements that a course devoted to the specific teaching of the italian language should point. I have approached the instrumental teaching of italian through selected touritic guides of which many linguistic aspects were examined, involving competence of reading to approach not only different levels of significance, but also the aspects of the speech that are implicit in the language.

Key words: Instrumental teaching, cultural competence, italian touristic guides.

Dada a demanda dos cursos de italiano para fins específicos oferecidos não somente na universidade, mas também em várias instituições e em função de alguns problemas estruturais que vimos enfrentando em relação a esses cursos, decidimos elaborar o presente projeto com a finalidade de propor um modelo de ensino para atender às nossas exigências institucionais e poder suprir a falta de material para esses cursos cuja especificidade se faz necessária.

No Brasil o italiano é uma língua que teve e tem uma boa receptividade entre as pessoas que o estudam porque é uma língua que se expandiu e ainda se expande, principalmente porque foi e é importada pelos imigrantes e evoca uma cultura milenar rica em sugestões. A imigração foi um fator importantíssimo para que o italiano fosse e continuasse sendo aceito até hoje como a expressão lingüística da língua da afetividade, da identificação da cultura e civilização italianas.

Nestes últimos anos, os brasileiros demonstraram não somente um grande interesse pela cultura italiana, clássica e moderna, bem como um notável interesse pela língua viva.

Por um lado tal interesse foi alimentado por numerosas traduções de obras literárias recentemente publicadas, e por outro pelo enriquecimento do país e a popularização da imagem da Itália operada pelos diferentes meios de comunicação, entre os quais a possibilidade de assistir aos programas da RAI via cabo, etc.

O Brasil também está presente nos meios de comunicação italianos e a sua imagem na Itália vem da TV. Além dos conhecidos jogadores de futebol, personagens de vários e importantes escritores, os cantores populares de vários níveis estão presentes nas telas da TV italiana, bem como o conhecimento cruel da realidade sócio-econômica do nosso país, entre outras, o abandono da infância e o desamparo das populações desabrigadas.

Talvez as dificuldades lingüísticas ou mesmo de comunicação que os turistas brasileiros têm de enfrentar, quando chegam à Itália, sejam devidas principalmente à falta de informação. Para isso deveriam servir os guias. Mas, na realidade, o que mais dificulta é a imagem cristalizada que os brasileiros têm da Itália e dos italianos, pois não imaginam que os costumes se transformam e mudam; ou, ao contrário, a dos italianos, que se espantam ao descobrir que o Brasil não é somente futebol, samba e café.

Por tudo isso é importante mostrar o perfil verdadeiro da Itália e do Brasil, avaliar uma série de aspectos relativos aos dois países, às personalidades mais lembradas, ao conhecimento histórico básico, às características do brasileiro e às do italiano, quer dizer, suas qualidades e seus defeitos.

Por esses motivos levaremos em conta o tema da “*aculturação*” vista por Balboni (1994) como “*o conhecimento, por parte de um estrangeiro, dos modelos culturais necessários para socializar na Itália*”. Balboni também fala de “*relativismo cultural*”, quer dizer fazer conhecer as diferenças entre o Brasil e a Itália, ao mesmo tempo, evidenciar as matrizes em comum que ligam os dois países e as duas culturas.

A competência cultural é uma condição necessária para a socialização: o estudante de italiano que não respeita os modelos culturais compartilhados pelos cidadãos italianos é marginalizado e ignorado pela comunidade.

Ao afirmar que ensinamos a cultura italiana, referimo-nos também a duas noções antropológicas: *cultura* e *civilização*. *Cultura* aqui se refere a todo o patrimônio de modelos culturais, quer dizer, às soluções que os italianos encontraram para problemas como: alimentar-se, criar núcleos familiares, organizar-se socialmente, etc. A *civilização*, ao invés, indica aqueles modelos culturais italianos que, por sua qualidade, podem ser mostrados ao mundo como exemplares.

A marcação das diferenças entre a cultura materna do estudante estrangeiro e a italiana é uma fonte de motivação, pois estimula a sua curiosidade e o seu interesse como, por exemplo, saber usar os trens na Itália e aprender a entender que país se olha através da janela de um trem.

Por tudo isso, o guia turístico tende a facilitar a aproximação e estimula a comunicação do turista com os italianos. Do nosso ponto de vista, o guia turístico é um texto autêntico (não didático) que poder ser utilizado em sala de aula, para um ensino específico, tendo em vista a necessidade de levar o aluno a fontes diversas, sem gradações lingüísticas, a fim de prepara-lo adequadamente para a leitura de vários tipos de textos em língua estrangeira.

A linguagem dos guias turísticos possui características típicas. Trata-se de uma narrativa particular que enfrenta os mais variados argumentos (história, geografia, cultura

geral, etc.) através de um estilo brilhante e original de exposição a fim de atrair a atenção do leitor. Às vezes, esse estilo particular serve para esconder um limite da realidade.

O texto dos guias turísticos em italiano pode ser difícil, porque é destinado a leitores de língua nativa de certo nível cultural, mas, é possível enfrentar um texto qualquer independente da competência lingüística do estudante, sempre e quando o professor gradue as atividades de aproximação ao texto. Nessa visão de aproximação ao texto dos guias, leva nos a utilizar as diversas estratégias de leitura: percorrer o texto – saltando algumas partes, para colher o ponto central do discurso; percorrê-lo em busca de informações específicas; lê-lo com mais atenção para compreender inteira e/ou eventualmente a mensagem e analisar as características lingüísticas e discursivas.

O uso do material autêntico, no caso os guias turísticos, permite transferir competências comunicativas da L1 à L2. De fato, é comum, folhear um jornal somente para ler os títulos, ou dar uma olhada num artigo só para captar o sentido geral; dificilmente se decodifica palavra por palavra do que lemos ouvimos em língua materna. Por isso, os guias oferecem um instrumento privilegiado de conhecimentos. É um setor muito enriquecedor que leva a um ensino centralizado nos interesses dos estudantes. De acordo com Krashen (1982) *o material do curso deve ser também interessante e motivador, para o reconhecimento do ensino ótimo.*

A linguagem dos guias, apesar de tratar de assuntos ligados à cultura é fundamentalmente simples, explicativa e descritiva, livre de ambigüidades, o que facilita o contato inicial com a língua estrangeira. Nos guias de fato, pode-se encontrar assuntos ligados a temas de estudo, ou curiosidades ligadas às atividades do tempo livre, das viagens, lazer, etc.

A partir desses pressupostos, podemos afirmar que uma língua tem que ser ensinada sem limites predeterminados, como instrumento de reflexão e de crítica e levar o aluno ao desenvolvimento de uma competência lingüística. Os guias apresentam uma linguagem atualizada, linear, mas até mesmo nesse tipo de linguagem, poderia provocar mal entendidos na leitura dos alunos, portanto, serão considerados os seguintes pontos de análise. Esses são: 1. Os falsos cognatos 2. as colocações 3. a polissemia 4. as palavras estrangeiras 5. o uso de citações cultas 6. as expressões e os termos específicos 7. o uso do dialeto. Vejamos, por exemplo, o ponto sobre *a polissemia*. Em italiano (*un espresso*) é uma expressão polissêmica. No correio solicitamos ao funcionário “*Per favore, un espresso*”, quando pedimos um selo; no bar “*Mi dia un espresso*”, significa que estamos pedindo um café. Usa-se também, nas estações ferroviárias: *L’espresso per Firenze è in partenza dal binário 8.*

A proposta de nosso curso baseia-se no método da “leitura-compreensão” que se fundamenta na lingüística textual, segundo a qual é preciso explorar o texto em todos seus aspectos, a fim de alcançar uma compreensão plena e, sobretudo, aceder com maior facilidade à sua interpretação.

Segundo Sabatini (1991) os guias turísticos são textos informativos e educativos e realizam uma função expositiva. Analisando a tipologia dos textos expositivos diremos que a exposição é um tipo de textualidade que consiste simplesmente em querer informar, explicar e também persuadir. Um texto expositivo é um tipo de texto que apresenta as informações de maneira simples e clara, precisando qual é o propósito do texto dando relevo aos aspectos mais importantes de alguma coisa. É o caso, por exemplo, quando

encontramos neles uma descrição de qualquer cidade italiana. A organização textual do exemplo prevê que o leitor saiba com antecedência o que se expõe antes, uma série de informações sobre a cidade e depois uma seqüência de instruções a seguir para logo apresentar os itinerários.

Hoje em dia o mercado editorial oferece guias para diversos tipos de público: para mulheres sozinhas, para pessoas da terceira idade, etc; e nos fornece também guias organizados tematicamente: guias aos restaurantes, aos lugares de meditação, aos monastérios italianos, aos mercados de antiguidades, às antigas ruas romanas, aos castelos, aos museus, às ilhas, etc.

O autor do guia procura fazer uma descrição paisagística muito detalhada geograficamente e insere elementos históricos bem precisos. A escritura se apresenta geralmente sem comentários pessoais. O conteúdo do texto é simples, bastante sistemático, ordenado cronologicamente.

No texto se cruzam diversas estruturas formais: uma cronológica, que é própria do diário, sem as indicações das datas e das horas; a outra espacial, que é própria do itinerário, caracterizada pela indicação constante do percurso e das distancias entre as diversas etapas. A indicação das diferentes etapas do percurso, o registro dos lugares para visitar, as observações não são postas em uma seqüência temporal natural, como no diário de viagem. A repartição do texto por etapas ou por dias remarca o andamento próprio de um diário de viagem. É um texto “construído” e não é “espontâneo”.

A língua da prosa dos guias é particular e não pode representar um modelo geral. Os fenômenos principais sobre os quais podemos apontar são: o uso da linguagem figurativa (metáforas, hipérbole, anáforas); abundância de superlativos; imagens iconográficas que ilustram o texto; dados visuais: mapas do território e fotografias dos lugares. No guia são usadas as abreviações como, por exemplo, *CD = camera doppia*.

A finalidade do emprego dos guias no ensino de uma língua estrangeira permite – fornecer elementos de reflexão na formação das imagens culturais, evidenciando como todos temos preconceitos e estereótipos sobre os outros e sobre os lugares - evidenciar descrições minuciosas da flora e fauna dos lugares visitados o percorridos – procura-se de propor um esquema de trabalho que leve em conta a motivação dos estudantes e do seu envolvimento direto com temas de atualidade. Para isso, baseamo-nos na obra de Kleiman (1989) que trata da compreensão de textos escritos. A autora descreve os vários aspectos que constituem a leitura, revelando a complexidade do ato de compreender e a multiplicidade de processos cognitivos que constituem a atividade em que o leitor se engaja para constituir o sentido de um texto escrito.

Do ponto de vista instrumental foram privilegiadas os seguintes *tópicos*: Exercícios a partir de uma série de fotografias, fontes de primeira mão e contos. No que se refere ao conteúdo, ao centro da primeira fase de trabalho, no exato momento que desejamos estimular a motivação, é necessário encontrar uma maneira diferente de equilíbrio com a natureza, denunciando, por exemplo, o corte das árvores, a relação do homem com o ambiente; alguma hipótese de como deveria ser esta relação. Como exemplificação podemos utilizar um guia sobre *agriturismo*. Uma forma de turismo que se difunde cada vez mais, porque permite ao turista de participar, em certa medida à vida do campo e de saborear, sobretudo, os produtos agrícolas locais.

Um curso voltado para o ensino específico da língua alvo, através da leitura e compreensão de textos extraídos de guias turísticos italianos é uma experiência estimulante e inovadora, não somente para os estudantes, mas também para os professores.

O estudante, por sua vez, com o auxílio dos guias, entrará em contato com assunto de seu interesse, com um léxico mais preciso do que oferecem habitualmente os livros didáticos, inserido num discurso mais autêntico, que por ser explicativo, esteja isento de ambigüidades, o que leva a uma aprendizagem instrumental mais eficaz desde o início.

Referências Bibliográficas

- BALBONI, P. E. *Didattica dell'Italiano a Stranieri*. Roma, Bonacci, 1994.
- KLEIMAN, A. *Texto e Leitor -Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas, Pontes, 1989.
- KRASHEN, S.D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. New York: Prentice Hall, 1983.
- SABATINI, F. *La comunicazione e gli usi del linguaggio. Pratica di testi, analisi, logica, storia della lingua. Scuole secondarie superiori*. Torino, Loescher, 1991.